

# Apresentação

*À Oxumarê,*

*por assegurar a unidade e a renovação do universo: - A Rum Boboi!!!.*

Quando Raimundo Nina Rodrigues marca no território brasileiro em 1900 o início dos estudos sobre o negro no Brasil<sup>1</sup>, Freud na Europa inaugurava o nascimento formal da psicanálise com a publicação do livro *A interpretação dos sonhos*.

Ambos pertencentes ao campo médico e portanto da saúde, eles sabiam do peso de suas considerações nas sociedades de suas épocas e contextos. E ambos, ao findar derradeiro do anterior século, inauguram o novo século (XX) discutindo sobre alteridade, diferença, cultura e etnicidade.

A partir desta leitura percebemos que a saúde mental e a psicologia no Brasil nascem também estritamente ligada à dimensão das relações étnicas, pois foi trazida pelos jesuítas que se preocupavam em desenvolver, através da psicologia, técnicas e métodos de persuasão de “selvagens” a fim de “civilizá-los”.

Negando sua origem no contexto brasileiro a partir das relações étnicas que se estabeleciam entre os brancos europeus, os indígenas e posteriormente os africanos trazidos escravizados para o Brasil, a psicologia que se inscreve nos bancos de graduação das universidades ainda rejeita o formalismo da importância do campo – relações étnicas – em seu currículo obrigatório. Há, como alguns talvez saibam, uma ou outra discussão sobre o tema em componentes optativos, e muitas vezes dividindo espaço com outras tipologias da psicologia das diferenças (diversidade, cultura, sociedade, exclusão, educação especial, etc...).

---

<sup>1</sup> MAIO, Marcos Chor. Raça, Ciência e Sociedade. Ed. Fiocruz: Rio de Janeiro, 1996.

Felizmente, no campo das pós-graduações principalmente com as novas inscrições da LDB da Educação Nacional a partir de 2003, o cenário alterou-se significativamente. Porém o campo psicológico, da saúde mental e também da psicanálise vinculados à discussão em relações étnicas, parece ter sucumbido e “esquecido” de suas origens e conexões. Poucos são os psicólogos, médicos e profissionais da saúde em geral que se dedicam a investigar saúde mental, psiquismo e relações étnicas no contexto brasileiro.

Igualmente, se no campo interno do debate psicológico tal assertiva ainda não possui tantos protagonistas, no âmbito externo ao campo, poucos são os programas de pesquisa que consideram a validade e importância destes estudos aliados especificamente a psicologia, psiquiatria e saúde mental. Resta a estes pesquisadores e profissionais serem observados com reservas, serem preteridos em seus protagonismos como profissionais plenos no campo específico da saúde, principalmente quando o debate se trava no campo das relações étnicas. A primazia da antropologia e das ciências sociais acabam por sobreporem-se no campo analítico da própria ciência da saúde e da psicologia. Evidenciando franco desmérito dos atores sociais (pesquisadores da psicologia) que defendem a inscrição interdisciplinar da saúde mental (psicológica) nos desenvolvimentos de pesquisas sobre relações étnicas e saúde de populações negras, quilombolas e indígenas em toda a gama de amplitude interdisciplinar que é a necessária interseccionalidade em educação e saúde, principalmente quando as discussões e investigações adentram para a formação em pesquisa e produção técnico científica.

Por esta difícil superação lacunar é que temos a grande satisfação de trazer ao público o Dossiê **PSICOLOGIA, SAÚDE MENTAL E RELAÇÕES ÉTNICAS**, um debate central que merece ser abordado na Revista do ODEERE, por se tratar de área de estudos e pesquisas ainda incipientes no Brasil, que vem conquistando importantes espaços na universidade brasileira, nos movimentos sociais negros e nas sociedades do mundo. Lembrando que em sociedades científicas como a Europa e Estados Unidos, esta consideração sempre foi forte e importante.

PSICOLOGIA, SAÚDE MENTAL E RELAÇÕES ÉTNICAS não é um tema de estudo e pesquisa consolidado. Esta área de trabalho está em vias de desenvolvimento, portanto, os textos aqui reunidos fortalecem ideias, reflexões e pesquisas que buscam problematizar e contribuir para uma realidade que afeta à todos, negros, indígenas, brancos e cidadãos do mundo.

A sociedade brasileira, no contexto contemporâneo com a herança escravocrata, desenvolveu formas de relações étnicas voltadas para o racismo, a divisão social do trabalho e a segregação.

Neste cenário, doenças que afetam o corpo e alma das populações negras se propagaram, estão nos espaços públicos e privados. A população branca é em contrapartida privilegiada em todos os segmentos sociais e some-se a isto a esquecida população indígena nos contextos do mundo. Portanto consideramos essenciais para o desenvolvimento das identidades individuais e coletivas, as memórias e lutas travadas historicamente no interjogo das relações étnicas.

O dossiê focaliza nossa sociedade local e global, de inúmeros protagonismos, homens e mulheres negras e indígenas que lutam em torno da construção da verdadeira democracia, buscam o desenvolvimento dos aspectos subjetivo e da saúde mental, componentes estes essenciais para o enfrentamento e o empoderamento diante do sofrimento e violências decorrentes de relações étnicas conflituosas.

É por conta disto que apresentamos neste dossiê duas produções decorrentes de trabalhos produzidos no contexto francês e organizados aqui a partir de suas gramáticas linguísticas originais.

O contexto internacional dos programas de pós-graduação de ponta no mundo tem desenvolvido estratégias de visibilidades de suas atividades e produções em outras línguas. O contexto contemporâneo exige-nos a leitura de diferentes realidades e transitar por idiomas que compõem o campo de estudos em etnicidade, como é o caso da experiência francesa, é importante diferencial formativo para o pesquisador do sudoeste da Bahia e do Brasil. Além disso, revisitar a língua de alguns dos importantes inauguradores da pesquisa em antropologia e ciências sociais no Brasil e grandiosos estudiosos da etnicidade no mundo – Roger Bastide, Pierre Verger, Claude Lévi-Strauss - é por si só tarefa básica de todo programa de pesquisa no campo que pretenda-se de alto nível.

As excursões entre Brasil e França sempre foram importantes e no mundo da produção científica, principalmente no campo da saúde e das relações étnicas, a França continua sendo o centro de formação importante do continente Europeu – sobretudo Paris – e das compreensões sobre a diáspora africana e as relações com as Américas de língua espanhola e principalmente com o Brasil.

Revistar a língua que construiu parte do legado das relações étnicas da diáspora negro africana (afrodescendentes), as relações e produções sobre etnicidade com o indígena brasileiro, trazendo aos mais jovens pesquisadores a importância das recriações atuais destes conhecimentos na

contemporaneidade, parece-nos formador de comportamentos distintivos na ética da construção de epistemologias sérias e bem alicerçadas.

A presença africana e a diáspora, são territórios físicos e psíquicos que se inscrevem na marcha pelos direitos de cidadania e relações étnicas igualitárias no mundo. Na França, esta presença põe em cheque o mito da República Francesa que inspirou transformações importantes no contexto global – das Américas à Europa, parte da Ásia e Oceania. No Brasil, a mesma presença transformou em termos legislativos e implantação de políticas o cenário do território brasileiro com impactos sobre a vida das pessoas de todos os grupos étnicos e suas relações na contemporaneidade.

Europa e Brasil – que é continental em seu território, em seu povo e diversidade – possuem legados e pertencas fundamentais para os alicerces da vida e civilização humana.

A presença da diáspora, universo que é negro africano, nestes territórios, fornecem os substratos de alimentos importantes para o mundo. E nesta configuração global e local a saúde mental e a psicologia são conhecimentos próprios para compreender as relações étnicas neste século XXI.

A saúde mental e o desenvolvimento psíquico são referências e instrumentos centrais quando pensamos desenvolvimento e civilização humana; e a compreensão das relações étnicas na contemporaneidade permite-nos vislumbrar novos territórios e cartografias que expandem horizontes de esperanças na vida em comunidade diante de tantas diversidades.

Sob este horizonte de esperança, Elikia M'Bokolo, referência internacional em pesquisas sobre África, diáspora, colonização e populações negras, informa que o Brasil deve ser um exemplo a ser seguido.

Ele em programa na Rádio França Internacional (RFI) em 2017, a respeito de sua organização na Coleção História Geral da África, discorre que o Brasil, a partir da formalização da lei 10.639/2003 e 11.645/08, apresenta importantes contribuições para o mundo. Em seu programa Elikia M.Bokolo informa que o Brasil é o único Estado Nação que implementou no quadro educacional e político esta exigência que busca o desenvolvimento pleno de sua população a partir de perspectivas étnicas e de políticas que valorizam a diversidade. Conforme ele, nenhum país do território africano e da diáspora conseguiu fazer a implementação de leis que problematizem saberes e práticas sobre a história e a cultura africana e diáspora no mundo.

O presente dossiê apresenta dez produções entre artigos, entrevista, relatos de experiências e resenha de livro.

Procuramos agregar interdisciplinariedade e diversidade no conjunto dos trabalhos; apresentando as relações da pesquisa em relações étnicas, psicologia e saúde mental nos contextos do Brasil e da Europa (França).

Os autores são psicólogos, profissionais de saúde, enfermeiros, assistentes sociais, educadores, sociólogos e historiadores.

A entrevista de abertura com Sylvia Serbin, historiadora, escritora e pesquisadora franco-senegalesa radicada em Paris – França, é fruto da conferência por ela realizada nas atividades do “Congresso Internacional Territorialidade e Saúde: Desigualdades Raciais e Sociais nos Contextos Global e Local”, organizado pelo Núcleo de Estudos em Psicanálise, Política, Identidades Negritude e Sociedade – NEPPINS, no Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ocorrido de 03 a 07 de setembro de 2014. A escritora do livro *Rainhas da África e heroínas da diáspora negra*, nos convocou a produzirmos um livro sobre populações negras, relações étnicas e saúde. E felizmente, graças aos apoios institucionais que temos recebido internamente e externamente a nossa universidade de origem – a UFRB – o livro *Cenários da Saúde da População Negra no Brasil: diálogos e pesquisas* pode realizar-se através da coleção Uniafro.

O livro inaugura no Brasil a discussão plena entre saúde mental e relações étnicas, considerando que cinco dos seus nove textos são escritos compostos por profissionais da psicologia e da saúde mental (apenas três são escritos por autores não vinculados ao campo estrito da saúde mental). E é por esta razão que este dossiê é finalizado pela resenha de Lucia Ferraz Vargas de Souza, educadora e mestre em relações étnicas pela UESB, que escreve sobre a fundamental importância da interseccionalidade em educação e saúde a partir dos aportes psicossociais e afetivos.

Os artigos investigam as relações étnicas a partir da relação com a saúde emocional e a ciência psicológica.

*Psicologia, psicanálise e relações étnicas no Brasil e na França* resgata a origem da ciência psicológica no Brasil e na Bahia. Organiza a importância da experiência francesa como valor formativo para a pesquisa em psicologia pois considera fortemente as relações étnicas nestes contextos, ao contrário dos pesquisadores brasileiros deste campo. O texto aponta para a necessidade de maior interlocução, diálogo e intercâmbios internacionais para a evolução da pesquisa em relações étnicas e saúde mental no Brasil. Em algumas passagens, os mitos enquanto matrizes simbólicas da evolução do aparelho mental humano, são mencionados a partir dos paralelos entre os deuses gregos (alguns deles utilizados por Freud para sustentar suas ideias sobre desenvolvimento psíquico) e os deuses de matriz negro africana, trazendo questionamentos

abertos sobre qual psicologia e saúde mental a pesquisa e a extensão na interdisciplinariedade com as relações étnicas, os profissionais de saúde e educação são capazes de organizar. O texto provoca este desafio.

Em seguida, Lia Vainer Schucman e Mônica Mendes Gonçalves, *Racismo na Família e a Construção da Negritude: Embates e Limites entre a Degradação e a Positivização na Constituição do Sujeito*, abordam os impactos do racismo no ambiente familiar, de pessoas negras e brancas, de relacionamento inter-raciais e negros.

Reinaldo José de Oliveira é o autor de *Saúde Mental: Segregação e Territórios Negros*. Seu trabalho contribui com reflexões sobre saúde da população negra a partir de dados empíricos sobre segregação racial e a territorialidade negra. Os conceitos de território e segregação são organizados e problematizados para fins de compreender os processos saúde-doença no ingresso majoritário da população negra neste tipo de prevalência em adoecimento psíquico.

Ester Fátima Vargem Rodrigues e Acácio Sidnei de Almeida, retratam em *Travessias Clandestinas: Entre as Fronteiras da Esperança*, a diáspora africana no Brasil contemporâneo com foco na cidade de São Paulo. Os autores observam a travessia pelo Atlântico em razão de questões econômicas, políticas, socioculturais e psíquicas, fomentados por estruturas de poder do universo da globalização.

O texto *Reverberações das Cartas de Alforria nas Discriminações Étnicas*, de Júlio Cesar dos Santos e Aline Souza da Conceição embora realize análise prevalente em literaturas distantes da realidade brasileira, apresenta material empírico interessante sobre o contexto da sociedade rural do Recôncavo da Bahia em Santo Antônio de Jesus, entendendo as cartas de alforria como dinâmica de produção de sentidos intergeracionais nas discriminações étnicas.

Em *Saúde Mental e Relações Étnicas: Formação do Psicólogo, Colonização e Currículo*, as autoras observam no projeto político pedagógico de dois cursos de psicologia no estado da Bahia a ausência de interesse nas relações étnicas pelos agentes de ensino, pesquisa e extensão que organizam os componentes curriculares dos cursos de saúde. A análise se faz também pelo campo empírico dos relatórios de estágio em psicologia e projeto político e pedagógico dos cursos.

Os relatos de experiência procuraram dar consistência ao valor da compreensão dos estudos em relações étnicas na saúde mental e psicologia. Pois tanto a experiência brasileira como na francesa a análise e abordagem emocional e afetiva jamais seria possível sem a consideração sobre etnicidade, cultura e contemporaneidade. Assim pode ser observado no trabalho de Emanuelle

Oliveira Ribeiro, *Psicologia, Racismo e Saúde Mental: Formas de Intervenção no Trabalho do Psicólogo*, e Teresa Mara Pontes, *Les Émotions n’ont Pas de Frontières; La Compétence Culturelle dans Soins Solidaires*.

Enquanto Emanuele apresenta formas de intervenção na atuação do psicólogo em situação de racismo e violência psíquica ocorridos na universidade pública brasileira, indicando que a presença negra na universidade mobiliza não apenas questões políticas, mas fundamentalmente conflitos psicológicos e étnicos nas relações que ocorrem no sistema anteriormente hermético aos sujeitos “diferentes”; Tereza Pontes vai na direção do tratamento e do cuidado em saúde mental no centro de acolhimento a refugiados vindos em maior número do continente africano, mas também de outras localidades do mundo. No atendimento psicossocial a esta população, a experiência da terapia comunitária do nordeste brasileiro com a experiência francesa nos estudos de psiquiatria transcultural são mostrados como valor da pesquisa-ação em saúde mental para as populações sofridas do mundo, sejam elas de onde forem, não existindo fronteiras para a necessidade da solidariedade e da esperança no cuidado humano a todas as pessoas que sofrem psicologicamente por sua condição étnica cultural.

O brilhantismo do trabalho de Teresa é justamente a singeleza do aporte brasileiro – indígena e negro – que fundamenta o trabalho em terapia comunitária, ao mesmo tempo que o reconhecimento internacional destas práticas em território francês, focaliza o Brasil com imenso potencial no vetor das relações étnicas e o cuidado em saúde, psiquiatria e psicologia.

Como dissemos no início, a psicologia e o Brasil começam na Bahia.

Foi na Bahia que as navegações portuguesas aportaram primeiramente. Foi na Bahia onde chegaram os primeiros jesuítas e implantaram a psicologia para dominar psicologicamente o indígena – dono da Terra.

O extermínio das populações indígenas e negras – populações do Brasil e do mundo – não se fez e não se faz apenas materialmente, fisicamente. Faz-se pela configuração do corpo inteiro: psíquico e físico, que assim configurado é corpo político.

Dando outra direção para as ideias de Nina Rodrigues, Gilberto Freyre foi aceito como o modelo de um Brasil viável para o mundo.

O idílio com que ele retratou as relações étnicas entre brancos e negros no Brasil<sup>2</sup> rendeu ao nosso país o título de a mais perfeita democracia racial: o mito da democracia racial.

---

<sup>2</sup> CONSORTE, Josildeth Gomes. A questão do negro; velhos e novos desafios. Revista São Paulo em Perspectiva. Fundação SEADE, n. 5., jan/mar., 1991.

Felizmente, este mito, tão difícil de ser derrubado, hoje pode ser lido por diferentes perspectivas através dos aprofundamentos nas pesquisas em relações étnicas.

Freyre era pernambucano. No entanto seus escritos representavam a realidade da Bahia. Porque a Bahia era, e ainda é, o centro de formação e inauguração do Brasil. Do povo brasileiro.

A contemporaneidade nos mostra outras regiões de inserção do negro na grandeza continental do estado brasileiro e outras contribuições no pensamento em relações étnicas são inscritos.

De todo modo, é ainda a Casa Grande da Bahia, que dá o tom das formas de sociabilidades e relacionamentos étnicos no Brasil:

“gente da Bahia!  
preta, parda, roxa, morena  
cor de bons jacarandás de engenho  
do Brasil  
(madeira que cupim não rói)

(...)

Bahia ardendo de cores quentes  
carnes mornas gostos picantes

(...)

eu detesto teus oradores, Bahia de todos os santos,  
teus ruys barbosas teus otávios mangabeiras  
mas gosto dos teus angus e das tuas mulatas

(...)

negras velhas da Bahia  
vendendo mingau e vendendo angu  
negras velhas de xale encarnado  
e de mole peito caído  
mães das mulatas mais quentes do Brasil  
mulatas do gordo peito em bico  
como pra dar de mamar  
a tudo quanto é menino do Brasil  
Bahia de quase todos os pecados  
escorredija lama de carne



ranger de camas de lona  
sob corpos ardendo, suando de gozo”<sup>3</sup>

(...)

Quando Willian Waak, jornalista branco, brasileiro de origem alemã, âncora da rede de Comunicações Globo nos Estados Unidos não se envergonha e não se restringe em tecer comentário racista em relação à população negra – sobre um barulho de manifestantes durante a cobertura jornalística da vitória do presidente Donald Trump ele diz: “*coisa de preto*”, dá risada e continua, “*coisa de preto*!” - ele o faz a partir de processos psicoemocionais inscritos na psique formativa da população brasileira. A violência racista é problema de adoecimento mental de pessoas brancas. E também de pessoas que independente de sua etnia rejeitam a igualdade das pessoas negras, indígenas.

O comportamento psicologicamente doente e racializado de Waak, a doença mental crônica de muitos brancos, representa a estrutura e alicerces mentais que se configuraram diante do processo escravista do sujeito negro africano que foi naturalizado e moldou o psiquismo afetivo emocional dos brasileiros e das populações do mundo. Toda a civilização humana foi exposta psicologicamente às atrocidades do escravismo imposto às populações negras e ao massacre colonialista nos territórios do continente africano. Os traumas psíquicos da violência do racismo é doença vetorial que afeta a todos: negros, brancos e indígenas.

Willian Waak, assim como milhões de brasileiros, foi alimentado e nutrido psicologicamente, pela mensagem do poema de Gilberto Freyre: que trata as mulheres negras como objetos erotizados, à serviço da sociedade machista e expostas ao ‘*bel prazer*’ das populações que as escravizaram e as violentaram: os brancos europeus.

Willian Waak, e sua doença mental crônica – o racismo – representa o desejo de congelamento do mundo no passado das barbáries que subjugam as pessoas ‘diferentes’ da cultura do ocidente. A expressão de seu comportamento psíquico e emocional sinaliza a doença de milhões de ‘brancos’ no mundo que rejeitam a igualdade de Barack Obama na Casa Americana – símbolo do poder branco capitalista, *was*<sup>4</sup> – que sempre foi etnicamente branca.

---

<sup>3</sup> Trechos do poema de Gilberto Freyre *Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados* "Antologia de Humorismo e Sátira", Editora Civilização Brasileira - Rio de Janeiro, 1957, pág. 365, seleção de R. Magalhães Júnior.

<sup>4</sup> Sigla que significa as letras iniciais em inglês de branco (white), anglo saxão e protestante.

William Waak, a partir de uma intrusão de interpretação psicanalítica, tem o gozo no desejo do retrocesso da civilização do mundo comandado por brancos. Assentados nos privilégios das desigualdades da subjugação do escravismo do outro. Este mundo ainda desejado por Waak, e por tantos outros, não volta mais. Mesmo com a vitória de Trump, mesmo com o retrocesso imposto por um presidente do Brasil que menospreza os anseios de seu povo, mesmo com a valorização do individualismo e o declínio da vida em comunidade...

Waak fica feliz com a saída do Presidente negro, Obama, do Pentágono. Waak tem a mesma felicidade que milhões de outros que jamais desejaram e aceitaram um negro comandando a Casa Branca, “dos brancos”.

Angela Davis em conferência proferida em 20 de novembro de 2012 na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia disse: Eu estou feliz porque estou no Brasil que promoveu tantos avanços e mudanças para a população negra e para as pessoas deste país. Porque agora na reeleição de Barack Obama, haviam pessoas com faixas e camisetas durante todo o tempo de campanha na frente da Casa Branca dizendo: Devolvam um branco à Casa Branca! Devolvam um branco à Casa Branca! Estas violências racistas não foram divulgadas pela imprensa no mundo. Mas o clima de racismo e ódio racial nos Estados Unidos contra o presidente Obama e as pessoas negras está extremamente violento<sup>5</sup>.

Hoje, em 2017, Trump é o chefe da Casa Branca Americana e sua vitória e presença representa a afirmação de violências e ódios racializados como o de William Waak. A retomada do poder pelo homem branco capitalista, altera o processo de ascensão das igualdades no processo de organização política do mundo. E os que sempre se beneficiaram do escravismo, da desigualdade, das ações clientelistas e privilegiadas para a população branca, anglo saxã e capitalista, se ressentiam com as novas modalidades do poder formalmente ocupado pelos mais legitimados pelos “de baixo”. É assim que todos os adoecidos mentalmente afirmam o racismo. Na perspectiva de suprimir a presença das lideranças negras e em prol de um mundo mais igualitário para todos.

O mesmo difícil momento político para Angela Merkel na Alemanha também se demonstra preocupante quanto as forças que se afastam da chanceler alemã. Ela é criticada ao apoio que forneceu a um milhão de imigrantes, em sua maioria africanos, em 2015 e 2016.

No cenário mundial o Brasil, embora não pareça, tem um importante papel imagético sobre as formas de protagonismo étnico no que concerne as políticas e legislações e os inegáveis avanços econômicos e sociais que o país atingiu na última década. E sua expressão internacional tem sido francamente observada.

---

<sup>5</sup> Notas pessoais durante a Conferência de Angela Davis em 20/11/2012 em Cruz das Almas/UFRB.

Por isso a arquitetura da opressão se constrói no cenário local e mundial.

Porém, mesmo diante das atrocidades da vida, boas novas se constroem e se anunciam.

Pois, a despeito de Willian Waak, que tem saudades da objetificação do povo negro na expressão infeliz de seu racismo a tanto tempo escondido, há em contrapartida, no texto de Gilberto Freyre a ciência do valor e da genialidade das civilizações do Nilo, das civilizações negro africanas; quando ainda que coisificando materialmente as pessoas de ascendência africana – reificação – Gilberto Freyre diz: ‘ *madeira que cupim não roi*’. E nós interpretamos como: povo que não se dobra, povo forte que supera o estigma, povo vitorioso na batalha pela glória!

Lemos em Freyre seu racismo encoberto, representante da sociedade brasileira. Mas subvertemos sua ideologia e na companhia de “exu” transformamos o mito em resistência. Sim. Não somos madeira, coisa, instrumento ou qualquer objeto. Mas resistimos ao tempo, ao massacre, as pragas mais virulentas. “*Madeira que cupim não roi*”.

E é isto que psicicamente o desejo de retrocesso civilizatório revela: a inadmissibilidade da superação dos maus tratos e o poder da reviravolta negro, indígena, africana.

Nos estudos sobre psicologia, relações étnicas e saúde mental é preciso começar a estudar e a compreender que a população negra e preta do Brasil e do mundo é forte, muito forte.

Não podemos mais contar apenas o estigma, o sofrimento vivido e impresso no psiquismo pelo trauma do racismo. Sem esquecer a memória do escravismo e da dor, é preciso recontar o legado do *griôt* e atestar a vitória da superação paulatina do trauma.

Gilberto Freyre diz que não gostava dos ruys barbosas e otávios mangabeiras da Bahia...

Isto é bem compreensível. Pois Ruy Barbosa foi quem autorizou a destruição dos documentos das origens da população africana escravizada no Brasil. E Otávio Mangabeira, também figura controversa no Estado baiano e brasileiro promoveu importantes realizações das ideias do também baiano Anísio Teixeira, um expoente máximo da intelectualidade brasileira e das operacionalizações das transformações necessárias para o desenvolvimento das populações oprimidas, que vai inspirar a pesquisa no Brasil e organizar políticas públicas em educação em todo o contexto brasileiro.

Na Bahia, a Escola Parque, um de seus muitos projetos, teve papel fundamental na vida de algumas importantes pessoas demonstrando que o psiquismo e a saúde mental é campo interdisciplinar com os estudos da memória, do pertencimento étnico e da educação:

“A Escola Parque teve papel fundamental num dos bairros mais pobres de Salvador que ficava entre os bairros da Liberdade e da Caixa d’Água, isso começou nos anos 50 e a rua por exemplo, onde eu nasci era chamada popularmente de mandichuria, mas a escola parque teve um papel fundamental na educação de toda essa população pobre, majoritariamente negra em Salvador. Porque era umas das melhores escolas consideradas do Brasil e do mundo, porque ela foi constituída sob um modelo de uma sociedade socialista onde os pais de famílias e as famílias contribuíam muito pouco, no sentido economicamente. Nós tínhamos fardamento, tínhamos livros e uma ajuda fundamental alimentar que nos era dada na escola; tínhamos refeições e tínhamos também acesso à cultura. Coisa que era impossível para populações de origem pobre e carente como a nossa. Por exemplo: foi lá que eu comecei a ler, tínhamos horário obrigatório de leitura, uma hora de leitura obrigatória na biblioteca. Tínhamos cursos de música, tínhamos esporte e tínhamos tudo que normalmente ‘não deveríamos ter’ porque éramos pobres. Só quem tinha acesso a esse tipo de material, esse tipo de informação eram as pessoas que pertenciam às elites. Então a Escola Parque realmente foi uma coisa assim fundamental. Foi um marco. E na minha família eu fui praticamente o único que continuou a estudar aí porque minha família por exemplo nunca me pressionou até a quarta série de exame, de ginásio, a ir trabalhar porque eu nunca tinha demanda nesse sentido de minha parte. Porque os livros a escola me fornecia, o fardamento era fornecido pela escola, então a escola parque teve este esse papel de informar, educar a população pobre. (...) Foi na época que Otavio Mangabeira era governador da Bahia, e eu me lembro perfeitamente quando estava se construindo, eu deveria ter três, quatro anos e eu me lembro perfeitamente quando estava em obra. E... Como é que se diz? Eu fui o único da minha família que continuei a fazer estudo, a estudar, porque, haviam outros...justamente. Eu consegui até o quarto ano de ginásio na Escola Parque. Os outros que não estudaram na Escola Parque tiveram que abandonar os estudos. E, eu fui protegido. E nós tínhamos também os melhores professores do Brasil. Porque meus professores da escola parque, que ensinava no ginásio por exemplo, estes professores eram os mesmos que ensinavam nas universidades também. Além disso, tínhamos curso de artesanato. Aprendi na Escola Parque a trabalhar com cerâmica, madeira, com metal e encadernação. Tudo isso eu aprendi na Escola Parque. E seria pra mim impossível fazer isso, aprender essas coisas, ter contato, conhecer esses ofícios, se eu não estivesse na escola. Então a Escola Parque foi um marco fundamental. É. Por sinal eu me lembro perfeitamente de Dona Carmem Teixeira e

Anísio Teixeira que tiveram papel fundamental na educação. Vieram de família patriarcal, escravocratas. Eles...eram donos... chegaram no Brasil...toda região do São Francisco.... Inclusive Rios das Rãs, o quilombo, parte da fazenda pertencia a família de Anísio Teixeira..." *(Hildebrando Almeida Cerqueira, doutor em antropologia, pesquisador brasileiro, naturalizado francês, radicado em Paris. Vinculado ao IMAF/EHESS - Instituto dos Mundos Africanos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais).*

O relato do antigo menino negro, dos bairros pobres de Salvador, pertence ao antropólogo radicado em Paris, estudioso de quilombo e religiões de matriz africana no Brasil.

Os desenvolvimentos em pesquisa e educação produzem sujeitos e identidades fortalecidas em sua condição psicoemocional. Tais desenvolvimentos, quando transformados em políticas, produzem saltos gigantescos na ordem civilizatória às populações humanas.

Os estudos sobre o negro no Brasil, financiados pela Unesco na década de 40 e 50, deram ao Brasil maior visibilidade internacional para além de Freyre e Arthur Ramos. Este último discípulo de Raimundo Nina Rodrigues.

Com as políticas conquistadas pela luta dos movimentos negros, o Brasil do século XXI possui muito mais a oferecer em termos de pesquisas, avanços e considerações sobre relações étnicas a partir do protagonismo dos próprios sujeitos negros e indígenas.

Hoje, somos nós, sujeitos negros e sujeitos não brancos, ou sujeitos de pele branca mas com amor genuíno pela alma negra, que escrevem esta nova história das populações martirizadas do mundo e do Brasil a partir das relações étnicas.

Este dossiê se consagra a isto: a inscrição psíquica dos sentidos de ser negro em um mundo e um país que necessita valorizar as relações étnicas como pressuposto básico de desenvolvimento psíquico, saúde mental. E portanto, necessidade de salto civilizacional em nossos tempos, século XXI: século que se inicia marcado por grandes conflitos psíquicos no adoecimento mental humano e diversidades étnicas.

Pelo movimento que aqui se construiu, do início dos estudos sobre o negro no Brasil, até os tempos de hoje, agradecemos a Oxumarê: por sua circularidade no ciclo vital da vida do conhecimento. Por nos ter permitido sua circularidade. Esboçado sua beleza diante de alguns dos textos e também da farta sagacidade representada pelos mistérios que emanam todas as serpentes.

*Ele é a grande cobra que envolve a Terra e o céu e assegura a unidade e a renovação do universo.*<sup>6</sup>

À este deus do conhecimento, da cultura e das línguas, agradecemos nossa passagem pelo ‘arco-íris’ que é diversidade. Pois acreditamos que estes textos podem ser o início de muitos tesouros que continuarão a vir da Bahia. Que precisam sair da Bahia para iluminar nossa terra: território negro-indígena por excelência, onde tudo começou. Este dossiê é uma das muitas moedas de ouro dos tesouros que hão de sair – predestinação negra – do programa de pós-graduação do ODEERE e do Brasil.

Também agradecemos aos autores que neste dossiê elevam a revista na perspectiva que provocamos.

Aos leitores de ODEERE que tenham disposição aberta de leitura, para melhores e necessários prosseguimentos...

Alta Primavera na Baía de Todos os Santos, aos 20 de novembro de 2017.

Regina Marques de Souza Oliveira

Reinaldo José de Oliveira

Teresa Mara Pontes de Farias

(Organizadores)

**Regina Marques de Souza Oliveira:** Doutora em Psicologia Social, Psicanalista. Pós-doutorado (financiamento CAPES, 2016) no Instituto dos Mundos Africanos em Paris (IMAF/EHESS-Paris/França) em Saude Mental da População Negra e Diaspora Africana. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Ciências da Saude e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade/Jequié).

**Reinaldo José de Oliveira:** É doutor em Ciências Sociais PUC SP, Professor de Sociologia da Universidade Estadual de Feira de Santana.

**Teresa Mara Pontes de Farias:** Doutoranda em Saúde, Doença e Cuidado: Mediação e Competência Cultural (Universidade Paris-Descartes/França), Pesquisadora Associada do Polo de Pesquisa Centro Médico Psicológico Minkowiska (Paris/França), Enfermeira.

**DOI:** <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2358>

---

<sup>6</sup> Eyin, Pai Cido de Òsun. Candomblé. A panela do segredo. Ed. Mandarim: São Paulo, 2000, p. 125.

